

*Povo, revolução e Brasil por  
Dias Gomes (1962-1966)*



## **POVO, REVOLUÇÃO E BRASIL POR DIAS GOMES (1962-1966)**

### **RESUMO**

Segundo Roberto Schwarz, o Brasil estava *irreconhecivelmente inteligente* no começo da década de sessenta. A vigência da democracia desde 1945, o desenvolvimento dos anos cinquenta e a movimentação popular no início dos anos sessenta pelas reformas de base do presidente João Goulart demonstravam essa mudança e prenunciavam a esperança de dias melhores. O meio artístico e intelectual, especialmente o de esquerda, do qual fazia parte o dramaturgo Dias Gomes, não ficou indiferente a essa mudança e, através da arte, representou esse momento da história do Brasil e, mais do que isto, procurou colaborar para uma transformação revolucionária da sociedade brasileira. As peças *A Invasão* (1962) e *O Santo Inquérito* (1966), de Dias Gomes, são exemplos dessa arte engajada. Em *A Invasão*, Dias Gomes demonstra, a partir da ocupação de um prédio inacabado por favelados que perderam seus barracos em decorrência de uma tempestade, quais seriam as possibilidades de união do povo brasileiro contra os seus opressores. Já em *O Santo Inquérito*, o dramaturgo denuncia, através da lenda de Branca Dias, que teria sido morta pela Inquisição, o atentado contra a liberdade de pensamento e expressão pelos militares e, assim, convoca a sociedade brasileira para uma tomada de atitude contrária em relação à ditadura. O endurecimento dos militares em 1968 com o Ato Institucional n. 5 (AI-5) e a expansão dos meios de comunicação de massa, que ofereciam empregos e bons salários para artistas e intelectuais de esquerda, fizeram com que uma arte assumida e explicitamente engajada, que unisse esforços para o desencadeamento de uma revolução no Brasil, fosse, aos poucos, desaparecendo.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Arte; Política; Teatro brasileiro; Dias Gomes

Paulo Renato da Silva<sup>1</sup>

POVO, REVOLUÇÃO E BRASIL  
POR DIAS GOMES (1962-1966)<sup>2</sup>

APRESENTAÇÃO

Algumas das manchetes que anunciaram a morte de Dias Gomes foram, no domingo posterior ao seu falecimento, lembradas por Fernando de Barros e Silva em seu texto *Síntese de um Povo*, publicado pela *Folha de S. Paulo*:

*“O mais popular de todos os intelectuais que retrataram a alma do povo brasileiro no século 20”, dizia o Jornal Nacional na noite de terça-feira a respeito de Dias Gomes. O jornal O Globo do dia seguinte veio atrás: “Brasil perde o dramaturgo do povo”, estampava a chamada na primeira página. “O subversivo deixa a cena”, dizia a chamada de capa do caderno especial sobre o escritor, alusão ao título de sua autobiografia, Apenas um Subversivo, lançada em 1998.<sup>3</sup>*

Essas manchetes soam um tanto exageradas quanto ao conhecimento do dramaturgo pelo povo e, inclusive, ao conhecimento do povo pelo dramaturgo. Afinal de contas, há tempos a sua dramaturgia e teledramaturgia se distanciavam da preocupação de *mostrar o significado de nosso povo*<sup>4</sup> que as marcou,

---

<sup>1</sup> Mestrando em História pela Universidade Estadual de Campinas. <paresi@zipmail.com.br>

<sup>2</sup> Este artigo é resultado do desenvolvimento do Projeto Integrado de Pesquisa *Artistas e Intelectuais na Política Brasileira (1960-1994)*, coordenado pelo Prof. Marcelo Siqueira Ridenti e financiado pelo CNPq. Aproveito para agradecer os comentários prévios da Profa. Izabel Andrade Marson, ainda que o texto final seja de minha inteira responsabilidade.

<sup>3</sup> SILVA, F. de B. e. As duas mortes de Dias Gomes. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 23 maio 1999. TV Folha, p. 2.

<sup>4</sup> DIAS GOMES, A. de F. Dias Gomes: depoimento [1998]. [São Paulo], 1998. Entrevista concedida ao documentário *A História de Todos Nós: 50 anos de Brasil*. (Exibido pela TV Cultura em 1998.)

especialmente, nos anos sessenta e setenta. Este artigo resgata, a partir de Dias Gomes, justamente alguns aspectos dessa arte engajada dos anos sessenta, voltada para o povo e o Brasil.

Antonio Candido considera que:

*A grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende de sua relativa intemporalidade e universalidade, e estas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.<sup>5</sup>*

A Invasão (1962) e O Santo Inquérito (1966) de Dias Gomes são peças estritamente relacionadas ao contexto no qual foram escritas, mas apresentam, apesar disso, uma intemporalidade e universalidade que ainda convidam a uma reflexão sobre o Brasil contemporâneo. Por isso, Anatol Rosenfeld destaca que a obra de Dias Gomes *respira futuro*<sup>6</sup> e Antonio Mercado, que *não será por acaso que Dias Gomes é o dramaturgo brasileiro mais estudado no exterior, em artigos, ensaios, teses universitárias e até mesmo cursos monográficos.*<sup>7</sup> Assim, considerando-se a importância e a totalidade da obra de Dias Gomes, as mencionadas manchetes tornam-se mais coerentes.

Para compreender a arte engajada dos anos sessenta, é necessário lembrar das seguintes palavras de Mello e Novais, segundo os quais *entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna.*<sup>8</sup>

Esse otimismo decorreu do restabelecimento da democracia em 1945, da modernização do país com industrialização, urbanização e grandes obras – hidrelétricas, estradas, Brasília, etc. – e, sobretudo, da movimentação e organização, ainda que parciais, do povo brasileiro.

<sup>5</sup> CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha: T. A. Queiroz, 2000. p. 41.

<sup>6</sup> DIAS GOMES. *O santo inquérito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1996. p. 4.

<sup>7</sup> DIAS GOMES. *Campeões do mundo*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980. p. 7.

<sup>8</sup> MELLO, J. M. C. de; NOVAIS, F. A. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v. 4, p. 560.

Essa movimentação popular empolgou o meio artístico e intelectual que, segundo Daniel Pécaut, *se intromete no que não lhe diz respeito*.<sup>9</sup> Nesse contexto, de fato, artistas e intelectuais brasileiros, especialmente os de esquerda como Dias Gomes, *apresentam-se como povo e querem ser povo*.<sup>10</sup> Heloísa Buarque de Hollanda considera que a intromissão *realiza-se como atitude intelectual pacificadora de uma existência contraditória de escritor de classe média que mora em edifício altíssimo, observando o rico que porta um presunto e os andrajos que crescem na favela*.<sup>11</sup> Assim, artistas e intelectuais procuraram, através da arte, colaborar para a concretização do otimismo do povo, nos anos sessenta, em um futuro melhor. Em outras palavras, procuraram colaborar para o desencadeamento de uma revolução que extinguisse as desigualdades da sociedade brasileira.

O objetivo deste artigo não é demonstrar o sucesso ou fracasso dessa intromissão. A intromissão, por si só, é importante para demonstrar a identificação do meio artístico e intelectual brasileiro de esquerda com o povo, seus problemas e causas nos anos sessenta. Dias Gomes foi um desses intelectuais “intrometidos” e o objetivo deste artigo é demonstrar a sua representação desse momento da história brasileira nas peças *A Invasão* e *O Santo Inquérito*.

#### O BRASIL IRRECONHECIVELMENTE INTELIGENTE

A história do Brasil dos anos sessenta é a história de um país, como sempre, repleto de contradições. Durante esses anos, o Brasil avançou para o futuro, para a modernidade dos *shopping centers*, arranha-céus e multinacionais, mas permaneceu com um pé na fome, analfabetismo, doença, enfim, desamparo de considerável parcela de seu povo rural e crescentemente urbano.

---

<sup>9</sup> PÉCAUT, D. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Ática, 1990. p. 5.

<sup>10</sup> *Ibid.*, p. 181

<sup>11</sup> HOLLANDA, H. B. de. *Impressões de viagem: CPC, vanguarda e desbunde*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

A respeito dessas contradições, Roberto Schwarz escreve que:

*A coexistência do antigo e do novo é um fato geral (e sempre sugestivo) de todas as sociedades capitalistas e de muitas outras também. Entretanto, para os países colonizados e depois subdesenvolvidos, ela é central e tem força de emblema. Isto porque estes países foram incorporados ao mercado mundial – ao mundo moderno – na qualidade de econômica e socialmente atrasados, de fornecedores de matéria-prima e trabalho barato. A sua ligação ao novo se faz através, estruturalmente através, de seu atraso social, que se reproduz em lugar de se extinguir.*<sup>12</sup>

É verdade que essas contradições se reproduziram e ainda marcam o país. Contudo, nunca se acreditou tanto que elas pudessem ser vencidas como nos anos sessenta. Sobre essa crença, Mello e Novais frisam que *durante um período relativamente longo, o presente tinha sido melhor do que o passado, e o futuro, melhor do que o presente.*<sup>13</sup>

Esse otimismo começou a se manifestar com o restabelecimento da democracia em 1945, após o fim do Estado Novo de Getúlio Vargas.<sup>14</sup> De acordo com Boris Fausto:

*As eleições de 1945 despertaram um grande interesse na população. Depois de anos de ditadura, a Justiça Eleitoral ainda não ajustara o processo de recepção e contagem de votos. Pacientemente, os brasileiros formaram longas filas para votar.*<sup>15</sup>

A campanha O Petróleo É Nosso, desencadeada pelo segundo governo Vargas a partir de 1953, colaborou para o

---

<sup>12</sup> SCHWARZ, R. Cultura e política, 1964-69. In: \_\_\_\_\_. *O pai de família e outros estudos*. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1992. p. 77.

<sup>13</sup> MELLO; NOVAIS, op. cit., p. 654

<sup>14</sup> O fim do Estado Novo e o restabelecimento da democracia estão diretamente relacionados a uma também otimista conjuntura externa, pois a Segunda Guerra Mundial havia terminado, as democracias estavam se consolidando e as economias nacionais estavam crescendo novamente.

<sup>15</sup> FAUSTO, B. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1998. p. 398.

otimismo devido ao envolvimento de variados setores da sociedade na campanha. Segundo Thomas Skidmore, *o tom agressivo dos que lideraram a campanha dava a impressão de uma cruzada apaixonada para assegurar a emancipação do Brasil da sua condição de colônia econômica*.<sup>16</sup>

Os anos do governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) também foram marcados pela crença em um futuro promissor. O lema 50 Anos Em 5 parecia se concretizar com a intensificação da industrialização e urbanização e com a construção de grandes obras como hidrelétricas, estradas e Brasília em tempo recorde. Mello e Novais chegam a afirmar que:

*Na década de 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância*.<sup>17</sup>

Nos anos do governo João Goulart (1961-1964), o otimismo ficou por conta de crescente movimentação e organização do povo que exigia o cumprimento das reformas de base prometidas pelo governo. As reformas de base apresentavam como principais metas o controle da inflação, a reforma do ensino, tendo em vista sua democratização, a reforma agrária (as Ligas Camponesas emergiram nesses anos) e o incentivo à indústria nacional. Nesse contexto, a participação dos intelectuais e da União Nacional dos Estudantes (UNE) foi intensa

Dessa maneira, como destaca Schwarz, o Brasil estava *irreconhecivelmente inteligente*<sup>18</sup> nos primórdios da década de sessenta. As artes expressaram esse momento e passaram a ser consideradas instrumentos fundamentais para a intensificação da movimentação e organização populares. Sobre essa função social da arte, Candido considera que:

---

<sup>16</sup> SKIDMORE, T. *Brasil: de Getúlio a Castelo* (1930-1964). São Paulo: Paz e Terra, 1979. p. 129.

<sup>17</sup> MELLO; NOVAIS, op. cit., p. 560

<sup>18</sup> SCHWARZ, op. cit., p. 69

*A arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais.*<sup>19</sup>

Nesse sentido, artistas e intelectuais, especialmente os de esquerda como Dias Gomes, optaram por uma arte nacional, democrática, popular, conscientizadora e revolucionária que contribuísse para uma transformação progressista da sociedade brasileira. Hollanda coloca que *propondo-se a estar ao seu lado, compartilhando seus sofrimentos e acenando com a esperança de um futuro promissor, o escritor opta por uma solidariedade espiritual com o povo.*<sup>20</sup> Marcelo Ridenti destaca algumas manifestações artísticas do Brasil *irreconhecivelmente inteligente:*

*O Cinema Novo, o Teatro de Arena e o Teatro Oficina, a Bossa Nova, os Centros Populares de Cultura (CPCs) ligados à UNE (que promoviam diversas iniciativas culturais para “conscientizar o povo”), o Movimento Popular de Cultura em Pernambuco (MPC), que alfabetizava pelo método crítico de Paulo Freire, a poesia concreta e uma infinidade de outras manifestações culturais desenvolveram-se até 1964.*<sup>21</sup>

Assim, de acordo com Celso Frederico:

*No pré-64, o nacional, correlato da luta anti-imperialista, reivindicava a afirmação de uma arte não-alienada que refletisse a realidade brasileira que se queria conhecer para transformar. O popular, por sua vez, acenava para a democratização da cultura e a conseqüente crítica à nossa tradição elitista de arte concebida como ornamento, como intimismo à sombra do poder.*<sup>22</sup>

---

<sup>19</sup> CANDIDO, op. cit., p. 19

<sup>20</sup> HOLLANDA, op. cit., p. 23

<sup>21</sup> RIDENTI, M. S. *O fantasma da revolução brasileira*. São Paulo: Ed. da Unesp, 1993. p. 75.

<sup>22</sup> FREDERICO, C. A política cultural dos comunistas. In: MORAES, J. Q. de. (Org.). *História do marxismo no Brasil*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1995. v. 3, p. 277.

Em poucas palavras, acreditava-se na superação das contradições da sociedade brasileira nos anos sessenta pois artistas, intelectuais e povo acreditaram, como nunca, na condição do indivíduo comum como agente da História, como protagonista de um Brasil *irreconhecivelmente inteligente*.

#### DIAS GOMES E O TEATRO

*O teatro é a arte por excelência da luta, do amor e da paixão do homem.*<sup>23</sup>

(Dias Gomes.)

Dias Gomes tornou-se conhecido, nacional e internacionalmente, com a peça *O Pagador de Promessas* (1960), cuja versão cinematográfica, dirigida por Anselmo Duarte, ganhou Palma de Ouro, no Festival de Cannes em 1962. A história de *Zé-do-Burro* demonstra, juntamente com outras peças, não somente de Dias Gomes, como de outros dramaturgos, a crescente preocupação do teatro com o povo e o Brasil.

A respeito do teatro anterior aos anos sessenta, Dias Gomes acreditava que:

*Não se ia ao fundo das coisas, não se buscava a verdade do homem brasileiro dentro da sua realidade, dentro da sociedade em que vive, seus conflitos, sua forma de ser e de pensar, com os seus desejos e pretensões. Não se perguntava sobre os problemas desse homem, sobre quem o esmaga.*<sup>24</sup>

Esse teatro, marcado por adaptações de textos estrangeiros e comédias, contrariava a crença de Dias Gomes no teatro como a arte mais adequada para a denúncia, o debate e a reflexão:

---

<sup>23</sup> DIAS GOMES. O engajamento é uma prática de liberdade. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 5/6, p. 222, mar. 1966.

<sup>24</sup> MERCADO, A. (Org.). *Coleção Dias Gomes*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 5, p. 376.

*Toda arte é política. A diferença é que, no teatro, esse ato político é praticado diante do público... Ao contrário da pintura, da escultura, da literatura, ou mesmo do cinema, que já aconteceram quando são oferecidos ao público, o teatro possibilita a este testemunhar, não a obra realizada, mas em realização. E, sendo testemunha, como num julgamento, influir nela... Esse meio de expressão, mais poderoso que qualquer outro, torna o teatro a mais comunicativa e a mais social de todas as artes, aquela que de maneira mais "íntima" e reconhecível pode apresentar o homem em sua luta contra o destino...<sup>25</sup>*

Dias Gomes frisava que a preocupação do teatro com os problemas nacionais não poderia representar um descuido artístico, estético, formal, tendo em vista a compreensão das peças pelo povo. Nesse ponto residiu a sua maior divergência com as peças encenadas pelos Centros Populares de Cultura da União Nacional dos Estudantes. Dias Gomes considerava que *a obra é tanto mais política quanto mais artística ela for, ou seja, em primeiro lugar você tem que fazer uma obra de arte e, se for válida como obra de arte, ela será politicamente, senão, não será nada.*<sup>26</sup> Em outras palavras, Dias Gomes acreditava que realismo, ou seja, abordagem dos problemas nacionais e qualidade, refinamento em termos estéticos, não somente poderiam como deveriam estar presentes em uma mesma peça. *É preciso repelir violentamente o dilema que nos querem impor: realismo ou esteticismo. Tal opção é falsa e conduz a um impasse irremovível.*<sup>27</sup>

Este artigo, porém, não pretende demonstrar até que ponto realismo e esteticismo estiveram presentes na obra de Dias Gomes. Uma reflexão ampla e adequada sobre a estética de suas peças demandaria, além de um conhecimento sobre estética teatral, uma pesquisa de seus cenários, de suas trilhas sonoras, da interpretação dos seus atores e das suas recepções pela crítica e pelo público. Dessa maneira, este artigo pretende destacar

<sup>25</sup> DIAS GOMES. Realismo ou esteticismo: um falso dilema. *Revista Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, p. 10, jul. 1968. Caderno especial, 2.

<sup>26</sup> DIAS GOMES, A. de F. Dias Gomes: depoimento [22 jan. 1996]. Entrevistador: Marcelo Siqueira Ridenti. Rio de Janeiro, 1996.

<sup>27</sup> DIAS GOMES, O engajamento..., p. 230

somente o aspecto realista, político de A Invasão e O Santo Inquérito.

**A INVASÃO: O BRASIL A PARTIR DE UM  
PRÉDIO INACABADO OCUPADO POR  
FAVELADOS**

*A peça marca o triunfo do teatro de motivos, de conteúdo e técnica nacionais, expressão avançada, hoje, da cultura brasileira autêntica.*<sup>28</sup>

(Nélson Werneck Sodré.)

A Invasão, encenada pela primeira vez no Teatro do Rio, na cidade do Rio de Janeiro, a 25 de outubro de 1962, retrata a ocupação de um prédio inacabado, por favelados, que perderam seus barracos em decorrência de uma tempestade: cenário perfeito para discutir o também inacabado Brasil e o seu povo que, finalmente, demonstrava sinais de que poderia concluí-lo.

Na peça, destacam-se o casal Isabel e Bené, ex-jogador frustrado de futebol que sonha que seu filho Lula, operário e desinteressado por este esporte, alcance nos campos o sucesso que ele não conseguiu. Justino, Santa e seus filhos Tonho, Malu e Rita, por sua vez, vieram para o Rio em decorrência das secas do Nordeste mas encontram somente miséria, morte e “prostituição”. Há ainda, dentre outras personagens, o oportunista Mané Gorila que, apesar da destruição dos barracos, continua a cobrar os aluguéis e Deodato, deputado demagogo do qual Malu torna-se amante.

Os momentos iniciais da ocupação são marcados pelo imprevisto, constrangimento e temor de despejo. Nesse momento, Lula destaca-se pelo seu idealismo e otimismo. Dias Gomes o descreve da seguinte maneira:

*Terá 20 anos, ou pouco mais. Sente-se nele um desejo de afirmação, de quebrar as cadeias que o prendem a condições e concepções de vida primárias. Uma consciência, ainda embrionária, de um papel mais importante na sociedade.*

---

<sup>28</sup> MERCADO, op. cit., v. 3, p. 635

*Seu conflito com o meio é flagrante. Seu processo de libertação também parece evidente.*<sup>29</sup>

Lula acredita que os ocupantes estão unidos e que, dessa maneira, conseguirão permanecer no prédio. A sua recusa em se tornar jogador de futebol, segundo o desejo de seu pai, demonstra seu idealismo latente:

LULA: ...Biriba joga muito mais que eu. Só me escalam porque sou seu filho e você pede. É o que é. Tou cheio desse troço! E não quero mais jogar futebol.

BENÉ: (Pausa. Ele como que procura refazer-se do choque que lhe causaram as palavras do filho.) Você não quer...

LULA: Não!

BENÉ: Que é que você quer então?

LULA: Sou operário. Quero ser operário.<sup>30</sup>

Em *A Invasão*, como destaca Walmir Ayala, apesar da descrição de Lula como o típico herói,

*Dias Gomes abandona o tônus épico onde de uma certa forma estereotipou os personagens em função dos tipos que chamaríamos de exceção [O Pagador de Promessas] e universalizou sentimentos e conflitos de forma a suplantar ideologias ou circunstâncias sociais.*<sup>31</sup>

Dessa maneira, a determinação de Lula se manifesta nas demais personagens, por exemplo, quando os policiais chegam com uma ordem de despejo logo depois da morte de um bebê por fome:

---

<sup>29</sup> DIAS GOMES. *A invasão*. São Paulo: Melhoramentos, 1990. p. 13.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 46

<sup>31</sup> MERCADO, *op. cit.*, v. 3, p. 633

*ISABEL: (Com decisão.) Ninguém vai sair. Todo mundo vai ficar pra acompanhar o enterro.*

*LULA: Isso mesmo: todo mundo vai ao enterro.*

.....  
*Imediatamente, como um movimento combinado, vão descendo dos andares superiores homens e mulheres, alguns armados de paus, todos trazendo no rosto a decisão de expulsar os policiais.*

*PRIMEIRO TIRA: (Assustado.) Que é isso? [...] Estão querendo barulho? (Recua, com a mão no revólver.) Pensem bem... vão se dar mal...<sup>32</sup>*

O tempo passa e os ocupantes tentam, entre uma ameaça e outra de despejo, levar suas vidas normalmente. Na medida do possível, melhoram o prédio e Justino junta dinheiro para retornar ao Nordeste com sua família. Contudo, Dias Gomes demonstra que o desejo de afirmação dos ocupantes é ainda bastante tímido: o deputado Deodato conquista a simpatia de muitos ao prometer-lhes o prédio:

*DEODATO: Desse modo, não só poderão continuar a habitá-lo, como serão, de fato, cada qual proprietário da parte que hoje ocupa.*

*Os favelados que desceram dos andares superiores mostram-se entusiasmados com as palavras de DEODATO.*

*Entre eles, ouvem-se vozes: "Isso mesmo!" – "Isso é que é!"<sup>33</sup>*

Além disso, Deodato aproxima-se de Malu prometendo-lhe um emprego. Acontece que, ao invés de empregada de Deodato, Malu tornou-se sua amante, para decepção do seu pai:

*JUSTINO: Quer dizer que o trabalho de noite no escritório... era isso. (O silêncio de MALU é uma confirmação.) Sua fêmea!*

---

<sup>32</sup> DIAS GOMES, A invas., p. 60

<sup>33</sup> Ibid., p. 96

*(Grita.) Fêmea! (Avança para ela, como para espancá-la, mas SANTA toma-lhe a frente, resolutamente.)*

*SANTA: Não! Você não vai fazer nada com ela!*

.....

*SANTA: Tive dez filhos. Três nasceram mortos. Quatro morreram de fome... tuberculosos. Ela, pelo menos, não vai morrer assim. O moço tem dinheiro. Ela vai comer bem, vai se tratar...<sup>34</sup>*

Depois disso, Mané Gorila ainda aparece no prédio, cobra os aluguéis dos barracos destruídos e pega, sem nenhuma resistência, o dinheiro que Justino estava juntando para retornar ao Nordeste. Finalmente, quando a ajuda de Lula e de seu engajado amigo Rafael para recuperar o dinheiro é recusada por Bené e Justino, os quais, inclusive, os ameaçam, Dias Gomes demonstra que, definitivamente, a união dos ocupantes ainda não era uma realidade, em uma provável referência à movimentação e organização do povo brasileiro nos primeiros anos da década de sessenta:

*LULA: (Para JUSTINO.) Se você quiser, eu arranjo um advogado e garanto que ele vai ter que devolver o seu dinheiro.*

*JUSTINO: (Acovardado também ante a idéia de fazer frente a MANÉ GORILA.) Eu não quero coisa nenhuma! Não pedi nada pra você!*

*LULA: Não tenha medo. Nós todos, unidos, podemos expulsar esse sujeito daqui para sempre!*

*BENÉ: (Agressivo.) Você não vai expulsar ninguém! Você vai é sumir daqui agora mesmo!*

*JUSTINO: (Unindo-se a BENÉ.) É o que é!*

*SANTA: Prá deixar de se meter onde não é chamado!*

---

<sup>34</sup> Ibid., p. 141

*BENÉ: Se não sair daqui já, eu chamo a Polícia e denuncio você!  
Você, Rafael e toda essa cambada!*<sup>35</sup>

Depois de seis meses, os ocupantes tentam conter mais uma ação de despejo através de um abaixo-assinado e Justino consegue novamente juntar dinheiro para retornar ao Nordeste com sua mulher enquanto seus filhos Tonho, Malu e Rita – esta acabaria “seguindo os passos da irmã” – decide permanecer no Rio de Janeiro.

Logo após a partida de Justino e Santa, Mané Gorila aparece no prédio para cobrar um mês de aluguel e é morto por Tonho ao ameaçar impedir a viagem de seus pais. Assim, Dias Gomes encaminha a peça para um encerramento repleto de otimismo. Os ocupantes distraem os policiais e auxiliam na fuga de Tonho, enquanto comemoram a determinação de um juiz que, mediante o abaixo-assinado, permitiu que fossem mantidos no prédio:

*TONHO foge, todos fazendo parede para que ele escape sem que os TIRAS o notem.*

*BENÉ: (Entra do fundo, com uma garrafa de cachaça na mão, um tanto embriagado. Grita.) Pessoal! Ganhamos!*

*LULA: O quê?*

*BENÉ: O despejo!... O juiz voltou atrás, depois que viu o abaixo-assinado! Disse que não sabia que morava tanta gente aqui!... tinham enganado ele, que era só meia dúzia de vagabundos...*

*LULA: (Radiante.) Eu não disse?*

*ISABEL: E agora?...*

*LULA: Agora ninguém mais tira a gente daqui!*

*BENÉ: E sabem quem me deu a notícia? Rafael!*

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 136

LULA: Rafael?!

BENÉ: *Ele vem prá cá... vem vindo aí... não é mau sujeito, esse Rafael...*

LULA: *Malu, Rafael vem aí!*

RITA *aparece na porta do seu apartamento. Excessivamente pintada, de salto alto, parece subitamente amadurecida. Acaba de pintar os lábios, com trejeitos sofisticados. MALU e LULA a vêem e se mostram surpresos. RITA responde com um olhar arrogante e sai num passo que lembra muito a própria irmã. MALU, impressionada, faz menção de segui-la, mas LULA segura-a pelo braço, num último apelo.*

LULA: *Malu!...*

MALU: *Adianta não, Lula...*

LULA: *Espere ao menos Rafael! Ele vem aí!... Vamos esperar por ele! Só para você conhecer...*

MALU: *(Hesita um instante e por fim cede.) Tá bem, só pra conhecer...*

*Os TIRAS vêem, por fim, o corpo de MANÉ GORILA. Debruçam-se sobre ele, verificam que está morto e olham em torno à procura do assassino. Mas, com exceção de MALU e LULA, que, de mãos dadas, esperam RAFAEL, todos os outros dançam alucinadamente, tomados por um verdadeiro delírio. Como se, diante do corpo sem vida de MANÉ GORILA, se sentissem vingados de todos os MANÉS-GORILAS...<sup>36</sup>*

Dessa maneira, Dias Gomes parece considerar que o povo poderia se unir e revolucionar o Brasil naqueles primeiros anos da década de sessenta, apesar da vulnerabilidade a oportunistas como Deodato e Mané Gorila, da desconfiança em relação a pessoas como Lula e Rafael, que se interessam por suas causas e

---

<sup>36</sup> Ibid., p. 184

da escolha de algumas pessoas como Malu e Rita pelo “caminho mais fácil”. Um exemplo disso é que Malu, após desistir de lutar ao tornar-se amante de Deodato, demonstra que pode retornar à luta ao aceitar o convite de Lula para conhecer o engajado Rafael.

### O GOLPE MILITAR DE 1964: O QUE ACONTECEU DE ERRADO?

*A defasagem entre a expectativa da transformação social e a realidade do desmoronamento do governo Goulart haveria de exigir o reconhecimento de que alguma coisa andara mal nos cálculos da revolução.<sup>37</sup>*

(Marco Augusto Gonçalves e Heloísa Buarque de Hollanda.)

Ridenti destaca que esse momento de tentativa de afirmação do povo nos primórdios da década de sessenta foi *suprimido de modo insólito pela reação autodefensiva da burguesia<sup>38</sup>* com o golpe desferido pelos militares a 31 de março de 1964. De acordo com Gonçalves e Hollanda, a maior parte da classe média, devido ao *temor da subversão e da instabilidade econômica<sup>39</sup>*, apoiou o golpe:

*Se o movimento militar viera colocar nos eixos um processo de modernização, seus efeitos ideológicos imediatos encenavam um espetáculo tragicômico de provincialismo. Repentinamente o Brasil inteligente aparecia tomado por um turbilhão de preciosidades do pensamento doméstico: o zelo cívico-religioso a ver por todos os cantos a ameaça de padres comunistas e professores ateus; a vigilância moral contra o indecoroso comportamento moderno que, certamente incentivado por comunistas, corrompia a família; o ufanismo patriótico, lambuzado de céu anil e matas verdejantes – enfim, todo o repertório ideológico que a classe média, a caráter, prazerosamente é capaz de ostentar.<sup>40</sup>*

---

<sup>37</sup> GONÇALVES, M. A.; HOLLANDA, H. B. de. *Cultura e participação nos anos 60*. São Paulo: Brasiliense. p. 15.

<sup>38</sup> RIDENTI, op. cit., p. 66

<sup>39</sup> GONÇALVES; HOLLANDA, op. cit., p. 9

<sup>40</sup> Ibid., p. 13

No entanto, o golpe foi apoiado, inclusive, por setores populares que, até aquele momento, demonstravam que poderiam colaborar para uma revolução no Brasil. Nesse sentido, o depoimento do ex-metalúrgico e presidente de honra do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva, é bastante indicativo:

*Eu achava que o golpe era uma coisa boa. Eu trabalhava junto com várias pessoas de idade. E pra essas pessoas, o Exército era uma... coisa boa que poderia consertar o Brasil. [...] Todo mundo de marmitta, a gente sentava pra comer e eu via os velhinhos comentarem: "Agora vai dar certo, agora vão consertar o Brasil, agora vão acabar com o comunismo". [...] Na minha casa, a minha mãe escutava rádio e dizia: "O Exército vai consertar o Brasil. Agora nós vamos melhorar". Era essa a visão. Pelo menos a parte mais pobre da população que não tinha consciência política tinha essa idéia.<sup>41</sup>*

Em outras palavras, temia-se que as reformas de base de João Goulart representassem uma guinada de seu governo para a esquerda. Dessa maneira, o que aconteceu de errado? Por que parcelas do povo apoiaram o golpe? Nesse sentido, dentre inúmeras outras explicações, o otimismo que tomou conta do país a partir dos anos cinquenta foi apontado como o responsável pelo desvio da atenção do povo dos verdadeiros problemas nacionais, situação esta que teria sido agravada pelo controle exercido pelo Estado populista sobre as suas atividades políticas durante quase trinta anos. A respeito do Estado populista, Hollanda escreve que:

*O Estado, visto como uma espécie de entidade superior, de onde se esperam as soluções de todos os problemas, terá nas massas a base de sua legitimidade. Se isto significa que as massas têm algum nível de participação e poder de barganha com o Estado, coloca, por outro lado, empecilhos para o desenvolvimento de uma ação política autônoma. Na*

---

<sup>41</sup> COUTO, R. C. *História indiscreta da ditadura e da abertura*: Brasil (1964-1985). Rio de Janeiro: Record, 1999. p. 99.

*relação com o Estado, desempenho, de fato, um papel de massa de manobra.*<sup>42</sup>

Dessa maneira, aquele sonhado povo brasileiro organizado e revolucionário ainda não existia, pelo menos não em sua totalidade, e a perplexidade do meio artístico e intelectual de esquerda com o apoio de setores populares ao golpe fez com que a arte engajada adquirisse uma importância ainda maior no sentido de conscientizar a sociedade brasileira das arbitrariedades cometidas pelos militares: segundo Frederico, *ocupando provisoriamente o espaço proibido da política institucional, ela passou a ser o canal por onde fluiria todo o descontentamento contra a ditadura militar*<sup>43</sup> que, pelo menos nos primeiros anos, de acordo com Ridenti, *não foi suficiente para estancar o florescimento cultural diversificado que acompanhou o ascenso do movimento de massas a partir do final dos anos 50.*<sup>44</sup>

#### O GOLPE, DIAS GOMES E O TEATRO

Dias Gomes, como vários outros comunistas, foi perseguido depois do golpe, inclusive, porque a Rádio Nacional, da qual havia assumido recentemente a direção artística, tinha se manifestado contrária ao movimento dos militares. Dias Gomes ficou escondido durante um mês em uma fazenda e, depois, respondeu a Inquéritos Policiais Militares (IPMs) e precisou que amigos, acima de qualquer suspeita, assinassem os seus textos para o rádio pois, como denunciou em 1968, *os meios de comunicação de massas – rádio e televisão – estão sob controle absoluto.*<sup>45</sup> A sua autobiografia demonstra esse impacto coletivo e individual ocasionado pelo golpe:

*Iniciava-se um período de trevas; muitos achavam que não duraria seis meses – durou 20 anos...*<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> HOLLANDA, op. cit., p. 16

<sup>43</sup> FREDERICO, op. cit., p. 278

<sup>44</sup> RIDENTI, op. cit., p. 75

<sup>45</sup> DIAS GOMES, *Realismo ou...*, p. 9

<sup>46</sup> DIAS GOMES. *Apenas um subversivo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 209.

*Lá fiquei durante um mês... Imaginava que poderiam torturar minha mulher e meus filhos para obrigá-los a revelar meu esconderijo. E era atormentado pelo sentimento de culpa por tê-los deixado indefesos.*<sup>47</sup>

Porém, após a repressão inicial, os anos que se seguiram ao golpe proporcionaram uma certa rearticulação para a esquerda que culminou nos protestos contra a ditadura, censura e repressão que marcaram 1968. Nesse sentido, Almeida e Weis recordam que:

*Passado o surto inicial de repressão às lideranças civis e militares identificadas com o governo deposto, e a feroz perseguição aos sindicalistas urbanos e rurais, os dois primeiros presidentes militares concederam razoável liberdade de movimento às oposições.*<sup>48</sup>

O teatro e as demais artes acompanharam e procuraram concretizar essa rearticulação, estendendo-a a toda a sociedade. Segundo Dias Gomes, *foi o teatro o primeiro setor da intelectualidade a se organizar para protestar contra a ditadura instalada em abril de 64... No palco, abriu-se a primeira trincheira.*<sup>49</sup> Além disso, dramaturgos e artistas saíram dos Teatros e organizaram formas variadas de protesto para denunciar abusos cometidos pelos militares. Ainda segundo Dias Gomes:

*Assembléias, manifestos, vigílias cívicas e por fim vigorosa greve de protesto foram as formas de luta utilizadas pela gente de teatro para responder aos repetidos golpes vibrados pela ditadura contra a liberdade de pensamento em nossa terra.*<sup>50</sup>

Por isso, Schwarz destacou, sobre esse período, que apesar da ditadura de direita havia relativa hegemonia cultural da

---

<sup>47</sup> Ibid., p. 204

<sup>48</sup> ALMEIDA, M. H. T. de; WEIS, L. Carro zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). *História da vida privada...* São Paulo: Cia. das Letras, 1998. v. 4, p. 328.

<sup>49</sup> DIAS GOMES, Realismo ou..., p. 7

<sup>50</sup> Ibid., p. 8

esquerda no país.<sup>51</sup> Atualmente, essa idéia suscita críticas mas, naquele contexto, parecia adequada pois a esquerda, apesar de todas as barreiras, protestava, se articulava e encontrava algumas manifestações de apoio do povo. Apesar do golpe, acreditava-se que ainda era possível a união dos artistas e intelectuais com o povo para derrubar a ditadura e transformar, definitivamente, a sociedade brasileira, como se apreende das seguintes palavras de Dias Gomes:

*O povo compareceu às escadarias do Municipal e fez fila para assinar um manifesto de adesão ao movimento deflagrado pelo teatro... Aparentemente, era uma luta que não lhes dizia respeito. Teatro era para eles uma palavra vaga, algo que não faz parte dos seus costumes, que a falta de poder aquisitivo impede de incluir entre as suas necessidades. E assinavam. E aplaudiam. Por quê? É óbvio que a nossa luta pela liberdade de pensamento insere-se e é parte inalienável do quadro maior da luta pela liberdade do povo brasileiro. Entenda-se aí a palavra liberdade no seu sentido mais amplo. Liberdade individual e coletiva. A luta é una e indivisível. Não podemos analisar a parte esquecendo o todo.*<sup>52</sup>

#### O SANTO INQUÉRITO: O JULGAMENTO DO BRASIL

*A peça de Dias Gomes lançada ontem no Teatro Jovem é um grave, indignado e sincero protesto contra todas as formas de intolerância, contra todos os atentados à liberdade do pensamento, e também – nas suas últimas cenas – contra todos aqueles que se omitem e se calam diante desses atentados.*<sup>53</sup>

(Yan Michalski.)

O Santo Inquérito, encenada pela primeira vez no Teatro Jovem, na cidade do Rio de Janeiro, a 23 de setembro de 1966, é

---

<sup>51</sup> SCHWARZ, op. cit., p. 62

<sup>52</sup> DIAS GOMES, Realismo ou..., p. 8

<sup>53</sup> MERCADO, op. cit., v. 1, p. 481

baseada na lenda nordestina segundo a qual a jovem Branca Dias teria sido perseguida pela Inquisição e queimada em um auto-de-fé em Lisboa.

Nessa peça, como outros dramaturgos, Dias Gomes usou um acontecimento do passado para abordar o presente com o intuito de driblar a censura. Dessa maneira, em *O Santo Inquérito*, a perseguição aos hereges é o pretexto para denunciar a perseguição, censura e tortura dos militares aos seus opositores. Assim, Dias Gomes denuncia na peça o atentado contra a integridade física e ao direito de livre pensamento e expressão dos seres humanos.

*A mim, como dramaturgo, o que interessa é que Branca existiu, foi perseguida e virou lenda. A verdade histórica, em si, no caso, é secundária; o que importa é a verdade humana e as ilações que dela possamos tirar. Se isto não aconteceu exatamente como aqui vai contado, podia ter acontecido, pois sucedeu com outras pessoas, nas mesmas circunstâncias, na mesma época e em outras épocas. E continua a acontecer.<sup>54</sup>*

Branca é simples, pura, sincera, ama a vida, a natureza, os animais, seus semelhantes e Augusto, seu noivo. Branca acredita em Deus e o considera presente nas mais variadas situações:

*BRANCA: [...] O mais importante é que sinto a presença de Deus em todas as coisas que me dão prazer. No vento que me fustiga os cabelos, quando ando a cavalo. Na água do rio, que me acaricia o corpo, quando vou me banhar. No corpo de Augusto, quando roça no meu, como sem querer. Ou num bom prato de carne-seca, bem apimentado, com muita farofa, desses que fazem a gente chorar de gosto.<sup>55</sup>*

Quanto ao Santo Ofício, Branca considera-o *misericordioso e justo*.<sup>56</sup> No entanto, esse mundo simples, harmonioso e justo

---

<sup>54</sup> DIAS GOMES, *O santo...*, p. 13

<sup>55</sup> *Ibid.*, p. 33

<sup>56</sup> *Ibid.*, p. 39

começa a desmoronar a partir do momento no qual Branca conhece padre Bernardo ao salvá-lo de um afogamento. A conversa inicial entre ambos é marcada pela gratidão mas, também, pela desconfiança do padre em relação aos pensamentos, hábitos e atitudes de Branca:

*BRANCA: Não tenho confessor. Vivo aqui, no Engenho Velho, que é de meu pai, Simão Dias, que o senhor deve conhecer de nome. Custa ir à cidade.*

*PADRE: Não vai à missa, aos domingos, ao menos?*

*BRANCA: Nem todos os domingos. Mas não pense que porque não vou diariamente à igreja não estou com Deus todos os dias. Faço sozinha as minhas orações, rezo todas as noites antes de dormir e nunca me esqueço de agradecer a Deus tudo que recebo Dele.*

*PADRE: Gostaria de discutir com você esses assuntos. Não hoje, porque estamos ambos molhados, precisamos trocar de roupa.*

*BRANCA: Vamos lá em casa, o senhor tira a batina e eu ponho prá secar. Posso lhe arranjar uma roupa de meu pai, enquanto o senhor espera.*

*PADRE: (A proposta parece assumir para ele uns aspectos de tentação.) Não... isso não é direito.<sup>57</sup>*

Além disso, Branca fez respiração boca a boca em padre Bernardo para salvá-lo do afogamento. Temendo que seu gesto fosse interpretado de outra maneira, relata-o para seu noivo Augusto:

*BRANCA: Se um texto da Sagrada Escritura pode ter duas interpretações opostas, então o que não estará neste mundo sujeito a interpretações diferentes?*

*AUGUSTO: Por que você se preocupa com isso?*

---

<sup>57</sup> Ibid., p. 36

BRANCA: *Por que ninguém pode viver assim. (Repentinamente, como para pô-lo à prova.) Você sabe que eu já coleí minha boca na boca de um homem?*

AUGUSTO: *Que homem?*

BRANCA: *Padre Bernardo. Ele estava sufocado, depois do afogamento, e eu tive de colar a minha boca na dele, para fazer chegar um pouco de ar aos seus pulmões. (Fita o noivo corajosamente.) Nós nunca nos beijamos na boca e eu fui obrigada a beijar um estranho.*

AUGUSTO: *(Evidentemente chocado com a revelação.) Por que você não me contou isso antes?*

BRANCA: *Porque até hoje ainda não havia pensado que o meu gesto podia ser interpretado de outro modo.<sup>58</sup>*

Depois disso, nas conversas posteriores com o padre, Branca demonstra fortes indícios de que sua família, cristã-nova, não abandonou totalmente os ritos judaicos. É feita uma denúncia ao Santo Ofício e Dias Gomes demonstra, durante a investigação, a deformação a que pode chegar a alma humana para a defesa de uma causa,<sup>59</sup> como indica a análise de uma água de banho, em uma bacia, pelos inquisidores:

VISITADOR: *(Enxuga a mão.) Sim, a cor indica que a água levou algum preparado...*

NOTÁRIO: *Algum pó mirífico para a invocação do Diabo!*

SIMÃO: *Vossas Excelências me perdoem, mas o único pó que há aí é o pó das estradas, de vinte léguas no lombo dum burro.<sup>60</sup>*

Branca e seu pai Simão, quanto mais se defendem, mais são considerados culpados. Nas palavras de Dias Gomes:

---

<sup>58</sup> Ibid., p. 51

<sup>59</sup> Ibid., p. 16

<sup>60</sup> Ibid., p. 63

*A semelhança entre os processos da Santa Inquisição e os IPMs (a caça às bruxas, a pressuposição de culpa sem direito de defesa, a manipulação de dados e a deturpação do sentido das palavras e dos gestos) fornecia-me a metáfora de que eu necessitava.<sup>61</sup>*

Branca acaba sendo presa, acusada de heresia e prática de atos contra a moralidade. Seu pai e seu noivo Augusto também são presos, sob a acusação de serem seus cúmplices. Branca não entende as acusações do Santo Ofício e, assim, não nega seus pensamentos, hábitos e atitudes. Ainda parece considerar o Santo Ofício *misericioso e justo*. Contudo, o seu temor de que a respiração boca a boca em padre Bernardo fosse interpretada de uma outra maneira confirma-se:

*PADRE: (Chegando ao máximo da exacerbação.) Se não estava possuída pelo Demônio, por que aproveitou-se do meu desmaio para beijar-me na boca?!*

.....  
*BRANCA: Fiz isso para que não sufocasse, para que não morresse!*

*PADRE: (Grita.) Cínica! Foi esse o pretexto que Satanás arranhou para o seu pecado!<sup>62</sup>*

Augusto morre ao ser torturado e Branca se recusa, definitivamente, a reconhecer as acusações. Branca se conscientiza, finalmente, de que o mundo que a cerca não é simples, harmonioso e justo como parecia e de que as verdadeiras heresias eram praticadas, justamente, por aqueles que diziam combatê-las, por aqueles que se propunham a salvar a humanidade. Nesse ponto, as referências aos militares são evidentes. Na revolta de Branca com seu pai, que assistiu passivamente à morte de Augusto, Dias Gomes convoca a sociedade brasileira para uma tomada de atitude contrária em relação aos militares:

*BRANCA: (Sua dor se traduz por um imenso silêncio. Subitamente.) E o senhor não podia ter feito nada? [...]*

---

<sup>61</sup> DIAS GOMES, *Apenas um...*, p. 212

<sup>62</sup> DIAS GOMES, *O santo...*, p. 82

.....  
SIMÃO: *Eles têm leis muito severas para aqueles que ajudam os hereges. Eu já estava com a minha situação resolvida, ia ser posto em liberdade.*  
.....

BRANCA: *O senhor é tão culpado quanto eles.*

SIMÃO: *Não, ninguém pode ser culpado de um ato para o qual não contribuiu de forma alguma.*

BRANCA: *O senhor contribuiu.*

SIMÃO: *Não matei, não executei, não participei de nada!*

BRANCA: *Silenciou.*<sup>63</sup>

Branca é condenada e morta na fogueira. Em *O Santo Inquirido*, ao contrário de *A Invasão*, a união das personagens, do povo, contra os seus opressores, não acontece. Simão representa essa desunião pela sua omissão, pelo fato de seus interesses particulares predominarem sobre os coletivos. Apesar disso, Dias Gomes parece acreditar que os militares, por mais que abusassem de seu poder, jamais seriam totalmente vitoriosos pois Augusto e Branca morrem confirmando seus pensamentos, hábitos e atitudes, ou seja, defendendo o seu direito de livre pensamento e expressão.

VISITADOR: *[...] Dia após dia, noite após noite, estivemos aqui lutando para arrancar essa pobre alma às garras do Demônio. Mas fomos derrotados. Desgraçadamente.*

BRANCA: *Os senhores foram derrotados... E eu?*

PADRE: *Você, Branca, vai amargar a sua vitória.*

BRANCA: *Eu sei. E sei também que não sou a primeira. E nem serei a última.*

---

<sup>63</sup> Ibid., p. 97

*Os guardas entram e amarram-na pelos pulsos e pelo pescoço com cordas e baraço, e a arrastam assim por uma rampa para o plano superior, onde surgem os reflexos avermelhados da fogueira.<sup>64</sup>*

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS: AI-5, INDÚSTRIA CULTURAL E O FIM DAS UTOPIAS

*Quando pararão as tropas de metralhar na rua o povo? Quando uma bota, arrebatando uma porta de laboratório, deixará de ser a proposta de reforma universitária do governo? Quando teremos, como país, ao ver nossos filhos saírem para a escola, a certeza de que eles não voltarão carregados em uma padiola, esbordoados ou metralhados? [...] Quando não será o Exército um valhacouto de torturadores? Quando se dará o governo federal a um mínimo de cumprimento de dever, como é para o bem da República e para a tranqüilidade do povo?<sup>65</sup>*

(Márcio Moreira Alves.)

Esse discurso de Márcio Moreira Alves, ex-deputado federal pelo MDB, pronunciado no Congresso, foi o estopim para o endurecimento dos militares através do Ato Institucional n. 5 (AI-5), estabelecido a 13 de dezembro de 1968. O AI-5 foi uma resposta dos militares à mencionada rearticulação da esquerda nos anos que se seguiram ao golpe e que culminou nos protestos contra a ditadura, censura e repressão em 1968.

A morte do estudante secundarista Edson Luís de Lima Souto pela polícia, durante um protesto contra a má qualidade da alimentação servida pelo restaurante Calabouço, mantido pelo governo, ocasionou, nas palavras de Ronaldo Couto:

*Greves de estudantes em todo o país, forte repercussão na imprensa e no meio político. A tônica de condenação ao regime militar passa a ser dominante. Mais passeatas, mais protestos contra a ditadura. Mais violência, mais confrontos, mais prisões, desgastes para o governo, apresentado pelos opositores como o inimigo do povo. Em abril de 1968, vinte*

---

<sup>64</sup> Ibid., p. 102

<sup>65</sup> COUTO, op. cit., p. 94

*mil metalúrgicos, fábricas ocupadas, fazem em Contagem, Minas, a primeira greve operária após o golpe militar.*<sup>66</sup>

Além disso,

*Em 21 de junho de 1968, acontece no Rio de Janeiro a chamada sexta-feira sangrenta, conflito de rua em que morrem quatro pessoas e mais de vinte são baleadas. Entidades estudantis, Igreja Católica e outros segmentos da sociedade civil organizam então a Passeata dos 100 Mil, em 26 de junho, também no Rio de Janeiro, maior manifestação já registrada contra o regime autoritário. Tem a presença de intelectuais, artistas, políticos, lideranças operárias e estudantis, lideranças religiosas e outras.*<sup>67</sup>

Esses protestos eram incentivados, inclusive, por um contexto internacional marcado por movimentos, em vários países, que clamavam por um mundo novo, democrático e justo, como recordam Almeida e Weis:

*Os acontecimentos de 1968 no exterior – as rebeliões estudantis, sobretudo na França e na Alemanha, a Guerra do Vietnã e a mobilização antiamericana que a escalada do conflito alimenta por toda parte – reforçam a convicção de que grandes transformações podem estar prestes a ocorrer, se houver firme vontade para tanto.*<sup>68</sup>

Dessa maneira, o AI-5 estancou uma movimentação da esquerda e setores populares que, poderia derrubar a ditadura militar. Segundo o ex-presidente militar Ernesto Geisel, *Costa e Silva só tinha duas soluções: ou fazia o AI-5 ou renunciava.*<sup>69</sup> Assim, o AI-5 iniciou, de acordo com Almeida e Weis:

*Os anos lacerantes da ditadura, com o fechamento temporário do Congresso, a segunda onda de cassação de mandatos e suspensão de direitos políticos, o estabelecimento*

---

<sup>66</sup> Ibid., p. 91

<sup>67</sup> Ibid., p. 92

<sup>68</sup> ALMEIDA; WEIS, op. cit., p. 331

<sup>69</sup> COUTO, op. cit., p. 97

*da censura à imprensa e às produções culturais, as demissões nas universidades, a exacerbação da violência repressiva contra os grupos oposicionistas, armados ou desarmados. É, por excelência, o tempo da tortura, dos alegados desaparecimentos e das supostas mortes acidentais em tentativas de fuga.<sup>70</sup>*

Esse desmonte da oposição pelo AI-5, a censura e a expansão da indústria cultural dificultaram o quadro de resistência aos militares através de uma arte engajada. Importantes membros do meio artístico e intelectual de esquerda foram absorvidos pelos meios de comunicação de massa que ofereciam empregos e bons salários. De acordo com Frederico, esses artistas e intelectuais afirmam que tinham em mente:

*Não só a sobrevivência material confortável, como também a possibilidade de atingir o grande público, levando a eles mensagens progressistas, mesmo que estas convivessem, em situação desvantajosa, com o “merchandising” de produtos, a censura e a autocensura.<sup>71</sup>*

Dias Gomes, contratado pela Globo em 1969 para escrever telenovelas, reforça este ponto de vista:

*Agora, minha situação econômica não me permitia sequer hesitar. Tinha várias peças proibidas, e as que ainda não estavam sê-lo-iam certamente. Não me seria permitido prosseguir com minhas experiências teatrais, pois minha dramaturgia vivia do questionamento da realidade brasileira, e essa realidade era banida dos palcos, considerada subversiva em si mesma pelo regime militar... Minha geração de dramaturgos – a dos anos 60 – erguera a bandeira do teatro popular, que só teria sentido com a conquista de uma grande platéia popular, evidentemente. Um sonho impossível, o teatro se elitizava cada vez mais, falávamos para uma platéia a cada dia mais aburguesada, que insultávamos ao invés de conscientizar. Agora,*

---

<sup>70</sup> ALMEIDA; WEIS, op. cit., p. 332

<sup>71</sup> FREDERICO, op. cit., p. 295

*ofereciam-me uma platéia verdadeiramente popular, muito além dos nossos sonhos. Não seria inteiramente contraditório virar-lhe as costas? Só porque era agora um autor famoso?*<sup>72</sup>

No entanto, a partir de 1969, a censura, a repressão, a evolução da conjuntura política e a incorporação desses artistas e intelectuais de esquerda pela indústria cultural fez com que uma arte assumida e explicitamente engajada, que unisse esforços para o desencadeamento de uma revolução no Brasil, fosse desaparecendo.

---

<sup>72</sup> DIAS GOMES, Apenas um..., p. 255

## **THE PEOPLE, THE REVOLUTION AND BRAZIL IN THE WORKS OF DIAS GOMES (1962-1966)**

### **ABSTRACT**

According to Roberto Schwarz, Brazil was *unrecognizably intelligent* in the early sixties. The democratic regime, which existed since 1945, the development that took place along the 1950s and the popular initiatives of the early 1960s in favor of the social reforms proposed by President João Goulart were evidences of such change and allowed for hope of better days to come. Artistic and intellectual groups, specially the one that took a leftist political stand, were not indifferent to such change. Playwright Dias Gomes contextualized this period in Brazilian History in several of his plays. By doing that, the author intended to contribute to a revolutionary transformation of the Brazilian society. The plays *A Invasão* [The Invasion] (1962) and *O Santo Inquérito* [The whole trial] (1966) are examples of such art, which had clear political commitments. In *A Invasão*, Dias Gomes introduces the possible ways that would lead Brazilian people to unite against their oppressors; he does so by telling the story of how an unfinished apartment building is occupied by a group of slum dwellers who have just had their houses destroyed by a rain storm. In *O Santo Inquérito*, Dias Gomes denounces the crimes against freedom of speech and thought committed by the military, thus encouraging the Brazilian society to take an attitude against the dictatorship that ruled the country at the time; he does so by telling the story of Branca Dias who ends up being killed by the Inquisition. The consolidation of the dictatorship in 1968 by means of the Institutional Act n. 5 (AI-5) and the improvement and dissemination of communication means and mass-media, which offered good salaries to leftist artists and intellectuals as well, contributed to the disappearance of a kind of art that had explicit political commitments and could lead to the unfolding of a revolution.

### **KEYWORDS**

Art; Politics, Brazilian theater; Dias Gomes



Aman, 1979

FERRO. S. Aman. 1979. Reprod.: color.; 36 x 51 cm em papel.  
In: \_\_\_\_\_. *Futuro anterior*. Tradução Maria Lúcia Monte,  
William Shelton, Regina Morganti. São Paulo: Nobel, 1989.  
p. 26. Original em serigrafia. Coleção A. Faure.